

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.

Machado de Assis. *Crítica*.

TEXTO I

Tomar liberdades com a língua é uma atividade tão mal vista pelos guardiões da sua virtude como seria tomar liberdades com suas filhas, e tão prazerosa. Que o povo peque contra a linguagem é aceitável, para a moral gramatical, já que ele vive na promiscuidade mesmo. Mas pessoas educadas, que conhecem as regras, dedicarem-se ao neologismo exibicionista, à introdução de pronomes em lugares impróprios e ao uso de academicismos para fins antinaturais é visto como devassidão imperdoável. De escritores profissionais, principalmente, espera-se que mantenham-se corretos e castos a qualquer custo.

Mas vivemos com relação à gramática como viviam os jesuítas com relação à “gramática”, esforçando-nos para cumprir nossa missão – que não deixa de ser uma catequese, mesmo que só se dê o exemplo de como botar uma palavra depois da outra e viver disso com alguma dignidade – sem sucumbir às tentações à nossa volta. Também não conseguimos. O ambiente nos domina, a libertinagem nos chama, e afinal, por que só a gramática deve ser respeitável neste país, se nada mais é?

Luís Fernando Veríssimo. *Pecadores*.

TEXTO II

NO BANQUETE

Do alto dos seus bordados, o general falou:
– Meio século, senhores, a serviço da Pátria.
Falaram depois o doutor e o magnata.
Outros mais falaram no banquete da vida nacional.

Só o roceiro miúdo não falou nada.
Porque não sabia nada,
Porque estava ausente,
perregado,
indiferente,
curvado sobre o cabo da enxada,
com o Brasil às costas.

Leo Lynce. *A poesia de Goiás*.

1ª Questão: (1,0 ponto)

Observa-se, nos textos I e II, quanto à abordagem do tema, uma relação do uso da linguagem com os diversos níveis socioculturais brasileiros.

Justifique esta afirmativa em, aproximadamente, cinco linhas.

2ª Questão: (1,0 ponto)

Um texto é um tecido e sua costura se faz através de mecanismos lingüísticos de coesão, que contribuem para realizar sua coerência.

Considerando aspectos de coesão e coerência, justifique o emprego do “que” sublinhado nos seguintes fragmentos, identificando a classe de palavra a que cada um pertence e qual a relação que estabelecem entre as orações.

- a) Que o povo peque contra a linguagem é aceitável (Texto I, linha 2)
 b) (...) esforçando-nos para cumprir nossa missão – que não deixa de ser uma catequese (Texto I, linhas 7-8)

3ª Questão: (1,5 ponto)

Transcreva do texto I uma oração em que se perceba, predominantemente, através da mudança de pessoa do discurso, que o cronista se inclui no comentário, como se compartilhasse da opinião de todo um grupo, com o qual ele se identifica.

4ª Questão: (1,5 ponto)

HISTÓRIA DE UM CRIME

Fazem hoje muitos anos
 Que de uma escura senzala
 Na estreita e lodosa sala
 Arquejava ua mulher.

Castro Alves. *Os escravos.*

Nesse fragmento de Castro Alves, há um verso que apresenta uma característica própria de um uso, tradicionalmente considerado “pecar contra a gramática”.

Reescreva esse verso segundo o padrão escrito culto da língua, consagrado em nossas gramáticas.

5ª Questão: (1,0 ponto)

Explique a estilização da escrita das formas do infinitivo, no último verso do poema *Relicário* de Oswald de Andrade.

RELICÁRIO

No baile da Corte
 Foi o Conde d’Eu quem disse
 Pra Dona Benvinda
 Que farinha de Suruí
 Pinga de Parati
 Fumo de Baependi
 É comê bebê pitá e caí

TEXTO III

LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela ...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac. *Poesias*.

Vocabulário

Lácio: Região da Itália Central no litoral do mar Tirreno.

inculta: Singela, tosca / rude, agreste.

ganga: Resíduo, em geral não aproveitável, de uma jazida filoniana, o qual pode, no entanto, em certos casos, conter substâncias economicamente úteis.

tuba: 1. Entre os romanos, trombeta de metal, formada por um simples tubo reto, comprido e estreito. 2. Designação comum aos baixos da família dos saxornes, especialmente o saxorne contraabaixo(...)

clangor: Som rijo e estridente como o de certos instrumentos metálicos de sopro, como, p. ex., a trompa e a trombeta.

trom: Som de trovão.

silvo: Qualquer som agudo e relativamente prolongado produzido pela passagem do ar comprimido entre membranas que vibram; apito.

procela: Tempestade marítima.

arrollo: Canto para adormecer crianças.

6ª Questão: (1,5 ponto)

Na poética parnasiana se costuma destacar que "Ela promove o culto da forma em geral".

Destaque do poema *Língua Portuguesa* de Olavo Bilac, justificando, dois exemplos desse "culto da forma", próprio da poética parnasiana.

7ª Questão: (1,0 ponto)

Transcreva da primeira estrofe do poema acima dois adjetivos que, em linguagem figurada, constituem exemplo de antítese.

8ª Questão: (1,5 ponto)

Mesmo quando não procuraram subverter a gramática, os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico, paralela à renovação dos assuntos. O seu desejo principal foi o de serem atuais, exprimir a vida diária, dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna. [Os modernistas] tomaram por temas as coisas quotidianas, descrevendo-as com palavras de todo dia, combatendo a literatura discursiva e pomposa, o estilo retórico e sonoro com que seus antecessores abordavam as coisas mais simples.

Antônio Cândido e Aderaldo Castelo. *Presença da Literatura Brasileira III. Modernismo*.

O fragmento acima destaca algumas dentre muitas das características do Modernismo. Aponte duas características distintas desse momento literário identificadas uma em cada um dos textos seguintes.

COTA ZERO

Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?

Carlos Drummond de Andrade

E ele, Manuel? Mole como madeira no ferro? Às vezes querendo fingir dureza, inventando nós que a ferramenta não respeita, passa por cima e iguala? As mãos do carpinteiro, o corpo, a alma do carpinteiro não podem ser mais brutos do que a madeira. Em madeira não se trabalha batendo com força, com raiva; só lenheiro faz isso, mas lenheiro é quase igual ao machado que ele levanta e abaixa sem dó, sem consideração; basta olhar a cara de um lenheiro para se ver que ele não tem delicadeza nem tato: não precisa.

José J. Veiga. *A hora dos ruminantes*.